

APRESENTAÇÃO


DOSSIÊ: “História Oral, História Pública e Movimentos Sociais no Tempo Presente”

<https://doi.org/10.22228/rtf.v17i2.1413>




Jimena Perry

 Iona University, Nueva York,

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5102-1651>

 Email: jperry@iona.edu

Juniele Râbello de Almeida

 Instituto de História da Universidade Federal Fluminense

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9468-9192>

 Email: junielerabelo@gmail.com

Tatyana de Amaral Maia

 Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do PPGH-UFJF

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1558-2192>

 Email: tatyanamaia@yahoo.com.br

Este dossiê reúne artigos dedicados à análise dos impactos dos movimentos sociais na produção do conhecimento histórico, em diálogo com novas perspectivas da historiografia brasileira e latino-americana. Trata-se de pesquisas que exploram a relação entre a história pública e a história oral. Ao abordar a história recente da América Latina, este dossiê compreende processos e fenômenos sociais dinâmicos, em constante transformação, e, portanto, sujeitos a contínuas mudanças em um espaço de reconhecimento da diversidade cultural.

A história oral e a história pública impactaram as diretrizes epistemológicas da história disciplinar ao considerar os integrantes dos movimentos sociais como coautores das narrativas históricas, em um processo dialógico mediado pelos historiadores. Observa-se uma requalificação das relações entre historiadores e protagonistas da história, propondo a existência de uma autoridade compartilhada entre nós, historiadores, e os agentes sociais com os quais nos relacionamos na construção de um conhecimento histórico dedicado ao tempo presente. Esse processo também foi marcado pela emergência de novos protagonistas no debate público, sujeitos que não encontravam espaço nos acervos documentais tradicionais e arquivos institucionalizados.

Na América Latina, as práticas de história pública se destacam por uma abordagem colaborativa entre historiadores, cientistas e diversos atores sociais, utilizando meios e linguagens que vão além do formato escrito e mantendo um firme compromisso com lutas sociais específicas. Desde a Revolução Cubana de 1959, que deixou um legado profundo na região ao reconfigurar a dinâmica política e inspirar movimentos de esquerda em plena Guerra Fria, surgiram iniciativas como a teologia da libertação e a comunicação e educação popular. Essas tendências promoveram novas formas de investigar e narrar o passado, vinculando-o à transformação social.

Grande parte da história recente é composta por diferentes movimentos sociais ou grupos organizados que procuram transformar a estrutura política, social, econômica ou cultural dos países latino-americanos. Esses movimentos surgem em resposta a injustiças históricas, desigualdades, discriminação e crises sociais que persistem ao longo dos séculos XX e XXI. Assim, quando falamos em movimentos sociais, pensamos em direitos humanos, lutas indígenas, feminismos, defesa do meio ambiente, processos em contextos urbanos, promoção da justiça social, equidade e defesa da diversidade sexual, entre outros.

A emergência de novos e novíssimos movimentos sociais na América Latina¹ trouxe novos temas e protagonistas para o debate público, sujeitos que não encontravam espaço nos acervos documentais tradicionais e arquivos institucionalizados. São esses grupos que abrem caminhos para novas reflexões e críticas aos passados narrados pelos vencedores ou contados como histórias únicas. Nos artigos que compõem este dossiê, é possível encontrar o que a historiadora Florencia Mallon, desde 1995, entende como “histórias de baixo” na América Latina, inspiradas no Grupo de Estudos Subalternos popularizado pelo historiador pós-colonial Ranajit Guha.²

A presença de grupos minorizados como sujeitos históricos no espaço público, exigindo o reconhecimento de seus direitos, incluindo o direito à memória, permitiu que os passados sensíveis se fizessem presentes na contemporaneidade como força política ativa, incluindo a adoção de políticas de memória. É a partir desse processo de debate público acerca dos passados presentes que grupos minorizados terão suas vozes e memórias registradas e valorizadas, complexificando as relações entre história e memória. O retorno do indivíduo para a análise histórica, a requalificação do gênero biográfico, a valorização do tempo presente, a percepção das complexas relações entre objetividade e subjetividade na

¹ GOHN, Maria da Glória. *Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade*. São Paulo: Cortez, 2017.

² MALLON, Florencia. "Promesa y dilema de los Estudios Subalternos: Perspectivas a partir de los estudios latinoamericanos," *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. E. Ravignani*, 12 (1995): 87-116.

prática historiadora e o “retorno” da narrativa impactaram e modificaram o campo da pesquisa histórica nas últimas décadas do século XX e neste início do século XXI.

A história do tempo presente e a história oral possibilitaram uma renovação original no campo historiográfico ao considerar aspectos como a subjetividade na construção do conhecimento histórico; o papel dos sujeitos históricos como participantes da pesquisa e observadores qualificados; a desfatalização das experiências analisadas; e, sobretudo, a requalificação da relação entre memória e história, não mais consideradas radicalmente separadas, mas entendendo a memória como matriz da história disciplinar³.

A história oral estabeleceu um diálogo profícuo entre saberes acadêmicos e não acadêmicos, proporcionando tanto uma aproximação da sociedade com a universidade quanto a reformulação da relação entre os saberes e a construção do conhecimento. Observa-se a possibilidade de elaboração de uma narrativa histórica mais dialógica e mediada pela participação de diversos sujeitos, ainda que seja responsabilidade do historiador a sistematização e a crítica⁴.

Podemos situar a história pública como uma prática que surgiu no final da década de 1970 nos países anglo-saxões, especialmente nos Estados Unidos, Inglaterra e Austrália, com o propósito de expandir o impacto da disciplina histórica para além do campo acadêmico. No entanto, na América Latina, a história pública tem seguido um desenvolvimento paralelo e independente, enraizado em contextos locais e com características distintivas desde essa mesma década. Nos países latino-americanos, a mobilização dos movimentos sociais e as demandas do tempo presente atuaram como motores no desenvolvimento da história pública, esta última em diálogo intenso com a metodologia da história oral⁵. A relação entre os historiadores e as demandas sociais, contudo, não está isenta de conflitos, especialmente em relação aos temas sensíveis.

³ DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018. Título Original: L’histoire du temps présent, une histoire (vraiment) comme les autres; RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. tradução: Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007; ROUSSO, Henry. *A última catástrofe*. A História, o presente e o contemporâneo. Rio de Janeiro, FGV, 2016.

⁴ GOMES, Angela. História Oral, Historiadores e Temas Sensíveis: Um giro no parafuso. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *História Oral e Historiografia*. Questões sensíveis. São Paulo: Letra e Voz, 2020, p. 181-200. ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; MENESES, Sônia. *História Pública em debate: patrimônio, educação e mediação do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

⁵ ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Práticas de história pública: o movimento social e o trabalho de história oral. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; Ricardo Santhiago. *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 47-56. SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: Alguns comentários sobre história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; Ricardo Santhiago. *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. FERREIRA, Marieta de Moraes. História, Tempo Presente e História Oral. *Topoi*. Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332.

Paul Ricoeur tem proposto a adoção da ideia de trabalho de memória em vez de dever de memória – termo amplamente utilizado pelos movimentos sociais para o reconhecimento de suas memórias no espaço público – e insistido na função ética e política da história disciplinar. Assim, o trabalho de memória permite um espaço crítico próprio à construção do conhecimento histórico, conjugando as funções cognitivas, éticas e políticas da história na construção de uma justa memória⁶.

É nesse contexto que propomos uma compreensão das práticas de história pública na América Latina, marcadas pelo seu interesse nos processos histórico-democráticos e nas lutas por direitos e cidadania, com uma perspectiva que combina a pesquisa histórica com a ação social. Essa forma de fazer história nos convida a repensar o nosso trabalho como pesquisadores e profissionais da área e tem fortalecido questões relacionadas à memória histórica, ao patrimônio, aos museus, às catástrofes naturais, às representações do passado e à divulgação da história, apenas para citar algumas⁷.

Este dossiê reúne quatro artigos, uma entrevista e uma resenha, apresentando reflexões críticas que exploram a articulação entre história oral, história pública e movimentos sociais no contexto do tempo presente. Organizado por três historiadoras, a edição se destaca por seu caráter interdisciplinar e transnacional, além da expressiva participação de mulheres latino-americanas na autoria dos textos. Entre os destaques, está a entrevista com a pesquisadora colombiana Catalina Muñoz.

O primeiro artigo do dossiê, de autoria de Marta Gouveia de Oliveira Rovai e Fernanda Gomes de Almeida, oferece uma reflexão sensível sobre as intersecções entre história oral, história pública e produção audiovisual na construção de processos dialógicos com movimentos sociais formados por corpos dissidentes de gênero, sexualidade e raça. As autoras compartilham experiências de pesquisa relacionadas à construção dos documentários *Eu sou a próxima* (2017) e *Potência Trans* (2024), elaborados coletivamente e exibidos em espaços públicos de São Paulo e Minas Gerais. Utilizando narrativas orais, destacam práticas de história pública que entrelaçam memória, identidade e representatividade.

O segundo artigo, “Quando memória e espaço se abraçam: História pública e práticas participativas de memória na periferia urbana”, escrito por Ricardo Santhiago e Livia Moraes Garcia Lima, explora com sofisticação metodológica as aproximações entre história pública e práticas participativas de memória em contextos periféricos urbanos. A partir dos

⁶ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. tradução: Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

⁷ TORRES-AYALA, Daniela. “Historia Pública. Una Apuesta Para Pensar y Repensar El Quehacer Histórico,” *Historia y Sociedad*, no. 38 (January 1, 2020): 229–49, <https://doi.org/10.15446/hys.n38.80019>.

casos da criação do CPDOC São Miguel e das entrevistas com as Guardiãs do Território do Jardim Lapenna, o texto ressalta o papel das iniciativas comunitárias na preservação e valorização da memória local. Com ênfase na história oral e na participação comunitária, a pesquisa evidencia o impacto transformador dessas práticas na construção de narrativas que fortalecem as comunidades e seu sentimento de pertencimento histórico.

No terceiro artigo deste dossiê, “História pública e os novos movimentos sociais: a experiência dos pontos de cultura do Rio Grande do Sul”, os autores Leonardo Fetter da Silva e Tatyana de Amaral Maia se debruçam sobre as experiências comunitárias dos pontos de cultura no estado do Rio Grande do Sul, entrevistando lideranças comunitárias que, reunidas em rede, propõem a inclusão e valorização das culturas periféricas urbanas e rurais em um processo de resistência à massificação cultural e valorização das tradições culturais locais e das potencialidades das comunidades nos seus modos de fazer e viver. O artigo utiliza entrevistas de história oral, assim como depoimentos dos próprios “ponteiros” no podcast produzido pela Rede Cultura Viva – RS, propiciando uma análise que destaca a importância do ativismo comunitário na construção de políticas culturais plurais, diversas e descentralizadas.

No quarto artigo, “Mirar un sitio de memoria desde la historia pública: el proyecto ‘Memorias de vecindad’ del Espacio para la memoria y promoción de los derechos humanos ex CCDTyE ‘Olimpo’”, Mariana Paganini explora as práticas da história pública aplicadas aos lugares de memória, com foco no antigo centro de detenção “Olimpo”, em Buenos Aires, Argentina. Inspirada na “história vista de baixo”, Paganini examina a transformação desse centro em um espaço de memória, onde a participação comunitária e os projetos de memória constroem uma identidade coletiva e promovem os direitos humanos, ao mesmo tempo em que questionam as narrativas oficiais sobre o passado recente. Além disso, essa iniciativa expressa as perspectivas dos vizinhos sobre sua história e é produto de um trabalho interdisciplinar que integra metodologias sociais, como história oral, pesquisa e audiovisual. O estudo também destaca como o Olimpo se tornou uma ferramenta para denunciar o terrorismo de Estado, sendo particularmente crítica em relação a posições que tentam minimizar ou despolitizar a militância dos detidos-desaparecidos.

Mantendo o tom crítico deste dossiê, Isadora Dutra de Freitas entrevista a renomada historiadora pública colombiana Catalina Muñoz no texto intitulado *História pública para a paz*. Esse trabalho lança um alerta aos pesquisadores e profissionais da história pública, destacando a necessidade de transcender o estudo dos passados autoritários e adotar uma perspectiva de longo alcance que questione as exclusões históricas e a violência do Estado-nação. Quanto ao desenvolvimento da história pública na Colômbia, Muñoz reconhece que,

embora essa prática seja relativamente recente no país, ela tem seus fundamentos nas ciências sociais. Iniciativas como a Pesquisa-Ação Participativa, promovida por Orlando Fals Borda, lançaram as bases da história pública ao envolver as comunidades na criação de conhecimento histórico⁸. Muñoz destaca a expansão desse campo e sua capacidade de desafiar as estruturas convencionais do conhecimento acadêmico.

O dossiê é concluído com a resenha "*Cruce de caminos*", escrita por Sebastián Vargas Álvarez, que explora as possíveis conexões entre quadrinhos, pesquisa colaborativa e história pública de/com os povos indígenas.

O dossiê, a partir de diferentes práticas da história pública, traz narrativas construídas em processos dialógicos com movimentos sociais. Os textos problematizam questões socialmente vivas a partir de diversos temas: corpos dissidentes de gênero, sexualidade e raça; representatividade e identidade social; memória coletiva e espaços públicos, culturas periféricas urbanas; resistência à massificação cultural, tradições e potencialidades comunitárias; práticas participativas de memória; iniciativas comunitárias e pertencimento histórico; lugares de memória; direitos humanos e justiça social; passados autoritários; desafios da pesquisa colaborativa na produção e circulação do conhecimento histórico.

A história tem questionado a sua função social e política frente ao avanço da extrema-direita, do neoliberalismo e, conseqüentemente, à crise das democracias e das políticas de bem-estar social. A ideia de engajamento da história disciplinar no espaço público tem encontrado respostas próprias à experiência latino-americana de luta pela manutenção, ampliação e execução dos direitos sociais e da democracia. Nas últimas décadas, tem-se defendido a necessidade de uma prática de história pública marcada pela ação e reflexão intelectual pública e ética, capaz de gerar um conhecimento que promova empatia e sensibilize os diferentes grupos sociais em busca de uma vida socialmente justa.

Tal processo possibilita a construção de uma história pública que dialogue com as políticas públicas, ao favorecer a circulação de vozes e demandas até então silenciadas. O sentido público da história está em contribuir para o reconhecimento, a reivindicação e a legitimidade das memórias das comunidades no espaço público. Assim, os temas abordados no dossiê envolvem as análises sobre os novos e novíssimos movimentos sociais, suas trajetórias, protagonistas, suas relações internas e externas, formas de organização e ação, além de suas relações com diversos sujeitos históricos na história do tempo presente.

⁸ BORDA, Orlando Fals. *Conocimiento y poder popular: Lecciones con campesinos de Nicaragua, México y Colombia*. México: Siglo XXI Editores, 1986

Desejamos uma excelente leitura deste dossiê, que se dedica a construir pontes entre história oral, história pública e movimentos sociais no tempo presente, oferecendo reflexões.

Sobre as organizadoras:

Recebido em 18 de julho de 2024
Aceito em 26 de outubro de 2024